

DEDALUS - Acervo - FFLECH-FIL



21000061273

O QUE É, COMO SE FAZ

- Auto-estima*, J. V. Bonet
Avaliação escolar, P. Morales
Bioética, F. Lolas
Criatividade & redação, R. Marchioni, 3ª ed.
Cultura brasileira, A. Vannucchi, 3ª ed.
Educação cristã no terceiro milênio, J. G. Roca
Educação na família e na escola (A), J. S. i López
Ensaio filosófico, A. P. Martinich
Ensino na escola, M. Saint-Onge, 2ª ed.
Ética social, E. Chiavacci
Internet na escola, A. Sobral, 3ª ed.
Jejum, P. Sciadini, 5ª ed.
Lectio divina, T. Hall
Método em sociologia (O), J.-C. Combesse
Motivação em sala de aula, J. A. Tapia; E. C. Fita, 5ª ed.
Oração, H. J. M. Nouwen, 2ª ed.
Pecado, X. Thevenot
Pedagogia da gestão mental, A. de la Garanderie; G. Cattani
Pesquisa na escola, M. Bagno, 15ª ed.
Preconceito linguístico, M. Bagno, 31ª ed.
Que preciso saber sobre clonagem e transgênicos (O), Q. M. Arantes
Relação professor-aluno, P. Morales, 3ª ed.
Universidade comunitária, A. Vannucchi

JEAN-CLAUDE COMBESSIE

O método em sociologia

O que é, como se faz

Tradução
MARIA STELLA GONÇALVES




Edições Loyola

vincula a uma deontologia e constitui, além disso, a última regra metodológica: última verificação da fidelidade das coisas relacionadas e ocasião de estudar as reações à imagem objetiva de si proposta pelo relatório.

Mas essa regra se inscreve na dinâmica prévia da pesquisa em que se trata para o sociólogo de manter seus informantes a par do avanço de seu trabalho: novas questões formuladas, representações mais precisas feitas das relações sociais, contextos, estratégias... Desse compartilhamento podem depender a precisão, a pertinência, até mesmo a existência de informações complementares. Ele apresenta já a questão referente àquilo que o sociólogo pode e deve comunicar a uns sobre o que aprendeu dos outros e sobre os outros. São questionados o próprio estatuto do pesquisador, o da informação dada (confiada?) e da publicidade que disso pode ser feita.

É no decorrer (e no fim) da pesquisa, em interação com seus informantes e outros "entrevistados", que o sociólogo pode tomar a consciência mais exata dos contextos e dos riscos e, assim, formular e decidir da maneira mais justa a questão das garantias que a circulação, a difusão e a apresentação das informações lhes asseguram.

II. A entrevista semidirigida

Entre as diversas formas possíveis de coleta de informações orais, o sociólogo atribui uma importância particular à *entrevista semidirigida*, também denominada *entrevista centrada*; ele prefere essas designações à de *entrevista não-dirigida* na medida em que escolhe e anuncia de antemão o tema ou os temas e dispõe de um guia de entrevista.

CONDUÇÃO

• *O guia de entrevista* — Tal como o plano e a grade de observação, o guia de entrevista é um *roteiro* (uma *lista de tarefas*). É redigido antes da entrevista e abrange a lista dos temas ou dos aspectos do tema que deverão ser abordados antes do fim da entrevista. Como todo *roteiro*, deve ser de consulta fácil e rápida: detalhado e preciso mas com notas breves e claras (palavras-chave, frases nominais...). A ordem dos temas da lista é construída para prefigurar um desenvolvimento possível da entrevista, uma lógica provável dos encadeamentos. Mas a lista não tem como objetivo determinar esses encadeamentos nem a formulação das questões ao longo da entrevista (só as palavras-chave

podem ser retomadas): a entrevista deve seguir sua dinâmica própria.

O guia evolui: tomando por base as primeiras entrevistas exploratórias, o pesquisador integra novos aspectos e elabora um guia mais preciso, mais detalhado. Ele deverá, em determinado momento, considerá-lo definitivo: uma sensação de redundância pode indicar esse momento, quando as últimas entrevistas confirmam a pertinência do guia sem sugerir orientações ou questões novas. O objetivo é então obter entrevistas de conteúdo homogêneo em que todos os pontos previstos sejam abordados. Algumas entrevistas complementares com as primeiras pessoas interrogadas se fazem necessárias para tornar homogêneos os conteúdos; daí a importância de assegurar-se, ao final de uma entrevista, da possibilidade de uma nova entrevista.

• *Anúncio e questões-trampolim* — O anúncio é a apresentação e a entrada no tema. Trata-se de apresentar em algumas palavras o essencial da pesquisa: apresentar-se a si mesmo, apresentar a pessoa ou o organismo responsável pela pesquisa, o tema ou os temas sobre o(s) qual(is) ela se centrará.

"Fui encarregado pela Coordenadoria Regional de Saúde de fazer uma pesquisa sobre as doenças ou as perturbações de saúde das crianças de menos de dois anos. O senhor aceitaria falar sobre seu filho?"

Esse anúncio inicial basta às vezes para introduzir a entrevistada: a pessoa interrogada penetra no tema, fala abundantemente e assegura de imediato a dinâmica da entrevista. Mas às vezes uma ou várias *questões-trampolim* são necessárias para criar essa dinâmica.

Exemplo (seqüência): "O senhor poderia me falar primeiro sobre o nascimento de seu filho? Tudo correu bem nele?..."

• *Retomadas* — Uma vez iniciada a dinâmica, a tarefa do sociólogo é mantê-la favorecendo uma "expressão confiante". Sua maneira de intervenção característica é a *retomada*, termo genérico que designa o modo de retomar "em eco" (mas com muitas nuances, como veremos) as próprias falas de seu interlocutor: "entrar" em seus enunciados e em sua lógica é um modo de conhecimento; é também encorajá-lo a desenvolvê-los, a avançar em seu relato, a esclarecer seus aspectos. Chegou-se a afirmar que conduzir uma entrevista é ao mesmo tempo um ofício e uma arte: a melhor condução é elaborada na maioria das vezes como que espontaneamente, com base nas experiências adquiridas e deixando-se guiar pela dinâmica da entrevista. Fazer retomadas se aprende, na maior parte das vezes, com a própria prática, mas também por meio da análise retrospectiva da condução das entrevistas realizadas, análise realizada pelo próprio pesquisador ou, melhor ainda, por vários.

No sentido mais estrito, as retomadas são a repetição pelo entrevistador de uma parte (uma palavra, um elemento frasal, uma frase) do que acaba de ser dito. Essa repetição manifesta a atenção e o interesse do pesquisador e suscita esclarecimentos suplementares, confirmações ou reformulações: ela tem como função encorajar: "Foi então a visita do médico que levou o senhor a descobrir que ela tinha otite?"; "Quer dizer que foi a primeira vez que o senhor foi lá?"; "Ah, sim, é seu... quem...?".

Quando aproxima falas apresentadas com algum tempo de intervalo, a retomada costuma ter como efeito incitar o

interlocutor a fazer um retorno reflexivo sobre o que acaba de dizer: a argumentar sobre seu posicionamento, a afirmá-lo com mais clareza ou matizá-lo, a situar-se com relação ao que lhe parece uma convergência ou uma contradição possível de suas falas.

Uma retomada pode também ter o objetivo de orientar a entrevista para uma outra direção: quando lhe parece que um tema foi esgotado, o sociólogo retoma, naquilo que acabou de ser dito, uma fala suscetível de instigar o desenvolvimento de um tema novo.

Às vezes, designa-se também como retomada uma intervenção do sociólogo que, em lugar de retomar literalmente as falas sugeridas, as reformula e propõe uma outra maneira possível de dizer o que acaba de ser enunciado: "Você disse...; então você diria que...?"; "Quer dizer que você acha que é por acaso que...?";

Essa reformulação, essa tradução — e portanto interpretação das falas apresentadas — convidam o interlocutor a situar-se com relação a elas. Nelas devem-se evitar os "efeitos de imposição": os termos abstratos, eruditos, a "língua cristalizada" de meios profissionais estranhos ao interlocutor...; o entrevistado deve poder conservar diante dela uma distância crítica e uma liberdade suficiente para situar-se. Por um lado, seu objetivo é solicitar um retorno reflexivo, esclarecimentos, precisões. Por outro, elas podem ter por função preparar um questionário: o "então você diria que..." ou o "mas então você acha que..." permitem ao sociólogo assegurar-se de que sob o enunciado que propõe — e que talvez seja o do questionário — seu interlocutor e ele vêem de fato o mesmo sentido.

• *Em vista de novos encontros* — "Eu poderia voltar a encontrá-lo?" — eis a questão a formular ao final de toda entrevista para facilitar um novo encontro e poder completar ou esclarecer ulteriormente as informações coletadas.

Se, por outro lado, não foi determinada de antemão uma amostragem, pode ser muito útil perguntar ao interlocutor que pessoas poderiam, na opinião dele, ser entrevistadas sobre os mesmos temas. Particularmente pertinente na fase exploratória, esse pedido trata o entrevistado como informante possível.

• *Tomar notas, registrar* — A entrevista semidirigida é sistematicamente registrada (exceto em casos de impossibilidade material ou de recusa de registro). Mas tomar notas durante a entrevista é útil para facilitar a memorização dos pontos mais importantes, seja tendo em vista retomadas, seja para facilitar a localização deste ou daquele tema quando se quer escutar a gravação. Ela é além disso uma manifestação suplementar do interesse que se atribui à entrevista (e uma garantia contra eventuais problemas da gravação).

Condição da qualidade da análise, o registro será transcrito da forma mais completa e com a maior precisão possível, não apenas de maneira literal, mas com indicação das hesitações, dos silêncios, dos risos... — os modos de dizer podem ser tão importantes quanto o conteúdo das falas. Uma transcrição precisa, fiel e exaustiva é particularmente importante para as primeiras entrevistas: ela é uma condição da qualidade da análise que deve ser conduzida rapidamente para corroborar ou transformar o guia da entrevista.

• *A entrevistada recentrada e o retoque* — Nas interações da vida cotidiana advindas de situações de observação prolongada e/ou de um interconhecimento prévio, algumas conversas podem oferecer informações, relatos, sentimentos ou representações que tenham interesse para a pesquisa e não são nem registrados nem anotados ao vivo. Às vezes, é ao final de várias conversas interrompidas e/ou por ocasião de eventos particulares que sua importância aparece ou que eles se desvelam. Na lógica das histórias de vida ou, de modo mais geral ainda, de entrevistas seguidas e repetidas com as mesmas pessoas, há igualmente a emergência de novas aproximações e de questões imprevisíveis. O sociólogo pode então perguntar à pessoa que já falou (narrou, contou...) se ela aceita o princípio de uma entrevista gravada centrada em algum (ou alguns) tema(s) que já foi(foram) discutido(s).

Esse recentramento de uma informação difusa, já dada, mas de outra maneira, leva com frequência a entrevistas particularmente ricas [Sayad, 1991] que têm às vezes uma intenção mais exploratória (O tema é novo), às vezes — e de modo mais manifesto ainda — uma função de síntese, de “aperfeiçoamento”, “esclarecimento” e “formalização”.

Essa “formalização” pode também extinguir a contradição ou ao menos resolver em parte a dificuldade diante da qual se encontra o sociólogo no momento de publicar as entrevistas e histórias de vida: ele as publicará com todas as hesitações, as repetições, as rupturas sintáticas, as “falhas” que foram gravadas e transcritas? Praticado amiúde, o “retorque” procede às vezes de um princípio ou ao menos de um desejo de estetização do texto: “Ao preparar a publicação das

entrevistas, eliminei minhas perguntas e escolhi, dispus e organizei os materiais para deles fazer relatos coerentes. Se se compartilha a opinião de Henry James segundo a qual a vida é uma completa inclusão e confusão como a arte é discriminação e seleção, ora, esses relatos pertencem ao mesmo tempo à arte e à vida” [Lewis, 1961]. Sem dúvida, com mais frequência, trata-se de “proteger” a imagem da pessoa interrogada, dando uma forma mais “escrita” à entrevista oral que se publica (a oralidade tem regras de bom uso que diferem das da escrita...). No entanto, mesmo social e eticamente fundado, o estatuto do retorque não tem uma legitimidade científica assegurada.

• *A arte da entrevista* — A análise retrospectiva das entrevistas manifesta que cada entrevistador tem seu “estilo” de condução de uma entrevista. O recurso ao guia tende a homogeneizar os estilos, mas não os anula. Estes advêm de um saber prático incorporado e de propriedades sociais singulares do entrevistador e do entrevistado. A condução (e o conteúdo) da entrevista traz(em) a marca das relações de idade, de sexo, de nível de instrução, das origens sociais e étnicas, das trajetórias. As variações que são seu produto constituem objetos de estudo para o sociólogo; objetos notadamente para sua socioanálise. Tomar, mediante as entrevistas feitas, consciência de seu estilo de condução e daquilo que aí se engaja inconscientemente é um dos modos de aprendizagem mais seguros para a condução das entrevistas, aprendizagem facilitada pela condução de entrevistas em conjunto com outras pessoas e por uma análise comparada com entrevistas realizadas por outros.

HISTÓRIAS DE VIDA

• *Uma entrevista aprofundada* — Designam-se com esse nome entrevistas de alcance mais amplo e exaustivo (narrar uma vida) do que a entrevista semidirigida: "No decorrer de nossas entrevistas, formulei centenas de perguntas a Manuel, Roberto, Consuelo, Maria e Jesus Sanchez. [...] Tentei percorrer sistematicamente uma vasta série de assuntos: suas lembranças mais longínquas, seus sonhos, suas esperanças, seus medos, suas alegrias, seus sofrimentos; seu trabalho; suas relações com os amigos, a família, os patrões; sua vida sexual; sua concepção de justiça, de religião e de política; seus conhecimentos de geografia e história; em suma, sua visão de mundo" [Lewis, 1961].

O seu método de condução é no geral o mesmo da entrevista semidirigida, mas a muito mais longo prazo. Cada entrevista se centra mais especificamente num tema ou num momento da "vida", mas as associações, as interferências entre temas e momentos são mais numerosas em razão mesmo da pessoa que narra e/ou porque as retomadas do sociólogo são orientadas por informações mais diversas ("Ontem, você estava dizendo que..."). Os retornos a um mesmo tema são frequentes: a condução da entrevista, interrompida por momentos de reflexão sobre o que foi dito e sobre a orientação da entrevista seguinte, desenvolve uma explicitação e incentiva análises retrospectivas mais vigorosas [Penef, 1990]. Mais ainda do que numa entrevista semidirigida, é necessário tomar notas.

• *Estatuto para a pesquisa* — Os sociólogos e antropólogos norte-americanos distinguem os relatos de vida (*life story*),

relatos autobiográficos registrados, das histórias de vida (*life history*), que completam (e controlam) os relatos autobiográficos por meio de testemunhos de pessoas próximas e das pesquisas de tipo documental. Seu estatuto para a pesquisa pode ser muito diferente segundo se dê mais importância a um ou a outro desses objetivos, e segundo também se essas histórias aparecem como casos no interior de uma pesquisa que as ultrapassa ou se tendem a ser tratadas por si mesmas.

Numa história de vida, trata-se sempre de fazer ouvir a fala das pessoas interrogadas, de propor ao leitor um "fragmento de vida" mais próximo do cotidiano de populações que ele não conhece bem. Esse "testemunho", com efeito, costuma mostrar classes populares, situações de pobreza e de miséria, grupos dominados a quem o sociólogo "dá a palavra". Seu método se acha socialmente conotado. Ele é assim, mais do que outro talvez, portador de uma intenção ética (dar a palavra aos que não a têm) e por esse motivo valorizado [Bertraux, 1980]. "Dando a conhecer" grupos mal conhecidos, o método tem com frequência o valor documental e emocional de um testemunho "inédito", podendo, por isso mesmo, fazer esquecer a vocação científica da pesquisa: "Não seria ele tão-somente uma dessas técnicas a que se recorre quando não se dispõe de outros recursos, e tendo como finalidade compensar a indigência do objeto e, ao mesmo tempo, a indigência da ciência do objeto [...]?" [Sayad, 1991].

Contra essa tendência, os sociólogos recordam na maioria das vezes que o que importa é situar o testemunho com relação a outros testemunhos e, mais amplamente, a outras informações. Trata-se, em primeiro lugar, de "verificá-lo" por meio de confirmações com outras entrevistas feitas com

pessoas próximas ou familiares: "As diferentes versões dadas de um mesmo incidente pelos diversos membros da família são um meio de verificação interna da veracidade e da validade da maioria dos fatos e contrabalançam assim uma parte do caráter subjetivo inerente a uma autobiografia unilateral" [Lewis, 1961].

As vezes, a história de vida não passa de um dos elementos de uma pesquisa que associa fontes e métodos de investigação diferentes: "O sociólogo que recolhe uma biografia toma medidas para assegurar-se de que ela abordará todas as coisas que queremos conhecer, que nenhum acontecimento importante será negligenciado, que os fatos apresentados como autênticos se harmonizarão com os outros testemunhos disponíveis, bem como que as interpretações do narrador serão dadas corretamente" [Becker, 1966]. Dedicado ao estudo da "integração" dos imigrantes poloneses nos Estados Unidos, o mais volumoso trabalho de Thomas e Znaniecki [1958] apresenta uma longa autobiografia (Wladeck), mas também a análise de numerosos documentos, relatórios de associações americano-polonesas, cartas pessoais, arquivos...

Um tratamento sociológico mais acabado das histórias de vida as constitui em "estudos de casos": sua análise assume sentido numa problemática de conjunto. A escola de Chicago realizou muitas biografias, mas como elementos de comparação no quadro de uma pesquisa mais ampla sobre a cidade e suas transformações: "Os estudos realizavam parcialmente um mosaico detalhado e de grande complexidade, do qual a própria cidade era o tema, e o caso podia servir para testar uma grande variedade de teorias e para relacionar, embora de maneira imperfeita, uma grande quantidade de fenômenos

aparentemente distintos". [Becker, 1966]. Bourdieu [1986] critica vivamente a "ilusão biográfica" que levaria a atribuir sentido a uma informação não situada, a exemplo do relato de uma viagem num vagão de metrô que não se preocupasse em estabelecer o "mapa das linhas de metrô".

A ENTREVISTA DE GRUPO

A entrevista de grupo substitui o face a face por um grupo de discussão. Ela tem um desafio teórico. Trata-se de recolher uma "fala coletiva", produzida numa interação de grupo. A importância do desafio foi notadamente enfatizada para as classes populares e todo grupo particularmente dominado, estigmatizado ou inferiorizado: "A fala, identificada com uma assunção de responsabilidade, parece tanto mais tenível aos velhos na medida em que eles se sentem em situação de inferioridade. Além disso, as pessoas pouco instruídas não gostam de falar diante do gravador" [Schulman, 1980].

A condução de uma entrevista de grupo é complexa, seu desenrolar manifesta uma dinâmica evolutiva feita de censuras, muito particularmente no começo da entrevista, de confrontos, de posicionamentos negociados, às vezes peremptórios, às cegas na maioria das vezes. Por meio de muitas hesitações, essa dinâmica tenta fazer desembocar na produção de uma "verdade" comum ajustada à composição do grupo e da conjuntura.

Na maioria das vezes, o grupo preexiste como tal à entrevista. Pode tratar-se de um grupo familiar, profissional ou, de modo mais geral, de pessoas que viveram os

mesmos eventos importantes: "Situações com frequência inibidoras ('coisas' que não se deve dizer diante das crianças, da mulher ou do patrão). Cada um teme o controle dos outros. [...] Em contrapartida, aprendem-se justamente ao vivo os fenômenos que o informante, por si só, não pensaria em indicar, ou de que nunca teve consciência, em particular os tabus, os interditos desse tipo. Por outro lado, produzem-se — apesar dessa inibição ou tendo sido ela resolvida — uma emulação, retomadas, desencadeamentos da memória, confirmações do dizer de um pelos outros, que permitem ao mesmo tempo verificar a unanimidade ou sua ausência e alcançar uma 'verdade' comum após hesitações" [Maget, 1953].

Os dois esposos parecem com frequência querer discutir como por sobre a minha cabeça. Na maioria das vezes, a oposição entre eles permanece viva. [...]

Na verdade, o que me surpreende aqui é que os interlocutores não tentam disputar para ter a última palavra, quem triunfará sobre o outro numa lógica de debate intelectual; eles não discutem, por exemplo, sobre a questão de saber qual o sentido geral das transformações que se processam na fábrica. Eles não

tardam nem um pouco em deixar o debate em suspenso, como se não tivesse nenhuma importância...

O que lhes parece importante é, pelo contrário, tentar me fazer compreender, a mim, "o estranho" (que eles não voltarão a ver, mas que manifestou interesse por seus "problemas"...), que a "realidade" do trabalho numa fábrica é muito diferente da apresentada pelo discurso oficial [...]. O que eles desejam também me indicar é que estão sem saída [Pialoux, 1995].

O grupo pode também ser de tipo experimental, reunido pelas circunstâncias sobre uma base que não o interconhecimento, em vista de uma discussão que lhe diz respeito

como grupo em sua diversidade. Ele tende contudo a ser constituído a partir de critérios que asseguram (sob a relação da categoria socioprofissional, da trajetória escolar, da idade, do sexo...) uma homogeneidade social suficiente para que a discussão, seus temas e seu desenvolvimento possam referir-se a uma posição e a uma condição social globalmente identificáveis e diferentes das de outros grupos de discussão.

